



A maternidade da mulher negra

The maternity of the black women

Omar da Silva Lima¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é mostrar como as escritoras afro-brasileiras Conceição Evaristo e Geni Guimarães retratam a maternidade de suas protagonistas – mulheres negras advindas de várias classes sociais – na era contemporânea.

Palavras-Chave: escritoras afro-brasileiras; mulheres negras; maternidade.

Abstract: The aim of this work is to show how the african-Brazilian writers Conceição Evaristo and Geni Guimarães portray motherhood of their protagonists - resulting black women of various social classes - in the contemporary era.

Keywords: african-Brazilian writers; black women; motherhood.

Introdução

A maternidade é um tema que vem despertando, cada vez mais, a curiosidade dos pesquisadores e estudiosos da Teoria Literária e Crítica Feminista. Outrora, esse assunto fora quase invisível, pois “até recentemente a literatura feminista ignorava a mãe; às vezes até a ‘culpava’ pela condição subordinada da mulher” (STEVENS, 2007, p. 19).

Na literatura de autoria feminina a mãe está deixando de ser uma personagem unilateral, em que sua função principal enquanto mulher era a procriação, e passando a problematizar a multiplicidade das faces da maternidade. Assim, é “a voz da mãe que se faz ouvida, não mais descrita pelo olhar do homem, este como filho ou marido, mas a mãe tem agora o seu momento de fala” (CORDEIRO, 2012, p. 1).

Se antes a mulher-mãe estava envolta pelo mito cristão da Virgem Maria, principalmente na literatura de autoria masculina, ou seja, a maternidade encarada como bênção divina e, desse modo, devendo ser aceita com resignação e eterna gratidão por ela ser digna dessa graça, na literatura contemporânea podemos nos deparar com uma galeria de personagens que trazem à tona a complexidade tanto social quanto psicológica que envolve a maternidade, dessacralizando, em parte, esse mito enraizado não só na cultura de nosso país como de outros.

¹ Doutor em Literatura pela UnB. Professor Substituto de Literatura Brasileira da UnB. Pós-doutorando em Estudos Literários na UFG sob a supervisão da Profa. Dra. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa.

Inserido nesse contexto, outro fato que merece atenção dos estudos feministas e de gênero é a maternidade da mulher negra. Sendo assim, o objetivo deste artigo é mostrar como as escritoras afro-brasileiras Conceição Evaristo e Geni Guimarães retratam a maternidade de suas protagonistas ou personagens secundárias – mulheres negras advindas de várias classes sociais – na era contemporânea.

A maternidade tradicional

A maternidade tradicional está atrelada aos cuidados extremos que a mãe tem com o filho ou a filha, geralmente no espaço doméstico, e tudo isso envolto pelo instinto materno. Concebida dessa forma, a função da maternidade mascara mais um dos mecanismos que a sociedade patriarcal arrumou para confinar, ainda mais, a mulher no espaço privado. Assim, a mãe convive mais com as filhas, pois os filhos, em determinado momento, acompanham os pais pelos trajetos do espaço público. Algumas personagens tanto de obras de autoria de Conceição Evaristo quanto de Geni Guimarães ratificam esse desígnio patriarcal.

Na obra *Leite do peito*, a figura materna é representada por Sebastiana, mãe da protagonista negra Geni. Esta obra é uma autobiografia da escritora Geni Guimarães em que ela relata, de forma linear, a sua história desde menininha pobre até o momento que se forma professora do Ensino Fundamental, séries iniciais, numa época (década de 50) em que o magistério era um espaço privilegiado das professoras de pele branca e da classe média.

Sebastiana é a típica matriarca que vive intensamente a maternidade no espaço rural. Percebe-se pela quantidade de filhos, 12 no total, que ela e seu esposo desconheciam os métodos contraceptivos ou regras de planejamento familiar. Era de se esperar uma mãe estressada e frustrada com tantos filhos para criar, põem o que se percebe nas páginas de *Leite do peito* é uma mãe amorosa e aparentemente conformada com sua situação, como se verifica no primeiro conto dessa obra – “Primeiras lembranças” (p. 15-23) -. Nesse momento da narrativa, Sebastiana está gestando o 12º filho e ainda amamentando a caçula Geni, como se verifica no fragmento a seguir: “Minha mãe sentava-se numa cadeira, tirava o avental e eu ia, colocava-me entre suas pernas, enfiava as mãos no decote do seu vestido, arrancava dele os seios e mamava em pé.”. (LP², p. 15)

Durante esse processo, mãe e filha mantinham diálogos intermináveis, brincavam, a mãe cata piolhos da cabeça da menina e o amor materno sempre ali presente.

² LP = *Leite do peito*

À medida que Geni cresce, ela vai se conscientizando do lugar na sociedade que os brancos reservaram para os negros e isso se torna um aprendizado doloroso para esta menina. Geni perpassa por várias “dores sem nomes” ao longo dos contos e sua mãe funciona como lenitivo, aquela que protege, ampara e acalenta a dor da filha, mesmo sem saber o real motivo daquele sofrimento, pois em nenhum momento Geni menciona as razões disso para Sebastiana, e ter de cuidar dos outros filhos, além dos afazeres domésticos. Os contos “Tempos escolares” (p. 45-53) e “Metamorfoses” (p. 57-66), da obra *Leite do peito*, exemplificam bem isso.

No conto “Tempos escolares”, Geni percebe que a professora dona Odete limpou da face o beijo que ela lhe dera, pois o mesmo estava lambuzado de lágrimas e secreção proveniente de sua gripe e este fato a magoa profundamente. Depois de constatar que todas as outras filhas já haviam chegado menos Geni, Sebastiana vai à busca dela, deixando para trás suas tarefas de dona de casa e a encontra aos prantos; imediatamente, acolhe a filha amada.

Já no conto “Metamorfose”, o choque entre as narrativas do período da escravidão contadas por Vó Rosária, uma negra centenária que vivenciou esse período, e as informações dadas pela professora dona Cacilda a respeito do mesmo povo escravo levam Geni a odiar e negar sua raça. Enquanto Vó Rosária mostrava que os escravos eram fortes, resistentes e um povo alegre, dona Cacilda os apresentam como pessoas covardes e imbecis. No dia 13 de maio, depois de ter desistido de apresentar seu poema na escola, o qual homenageava a “Santa Princesa Isabel”, Geni resolveu, em sua casa, tirar o negrume de sua pele com um preparado a base de um pó proveniente da trituração de tijolos e usado para fazer a limpeza dos utensílios domésticos sujos de carvão. Tal violência contra sua própria perna resultou em uma ferida que sua mãe, Sebastiana, curou com um unguento de erva rubi. Mais uma vez o amor materno incondicional falou mais alto, sufocando inclusive saber o real motivo de a filha ter se auto flagelado. A mãe da Geni pensa que sua filha se acidentou porque estava subindo nos muros ou brincando de correr.

Segundo Ute Ehrhardt (1994, p. 182),

As mulheres tendem a submeter-se amplamente às normas de grupo e sociais, mesmo sentindo-se pouco à vontade. [...]

Esta espécie de renúncia é sobremaneira visível nas mães. Elas estão profundamente convencidas de terem que permanecer junto ao filho, pelo menos durante os três primeiros anos de vida. As

regras de proteção materna outorgam a esta credence uma aparência oficial, legal e tarifária.

Pela atitude de Sebastiana nos três contos estudados, nota-se certa renúncia “a normas próprias”. Ela vive em função dos filhos e em nenhum momento desses contos houve espaço para Sebastiana demonstrar seus anseios enquanto mulher e esposa, o que é ressaltado são suas funções de mãe e dona de casa.

Uma mulher que não rejeita suas raízes africanas e tem orgulho de ser negra, certamente ao se tornar mãe, acabará, consciente ou não, transmitindo a seus filhos um pouco da diáspora africana. No livro *A dona das folhas*, Geni Guimarães lida com esse tema ao apresentar um orixá das folhas medicinais através da mãe Conceição e de sua filha Ainá.

Em *A dona das folhas*, com ilustrações de Lúcia Hiratuka, a menina negra Ainá, filha de dona Conceição, sofre devido a uma violenta dor na barriga. A sua mãe recorre à ajuda de vários médicos, que a consultam em casa, porém, não conseguem curá-la. Da cama, Ainá ouve uma voz que vem do pé de romã: “- Poejo com mel, ramos de hortelã.”. Então, o “galho da planta virou braço e mão e deu cuia cheinha de favos de mel.”. Era o orixá Ossaê³, uma divindade conhecida como “A Dona das Folhas”, intercedendo por Ainá. Depois que a menina bebe a milagrosa infusão feita com as plantas medicinais sugeridas pelo orixá, se cura. Quanto à divindade, transforma-se em bolhas que ganham os ares. O ponto forte desse conto é a inserção do elemento afro representado pela figura Ossaê, que é apresentada de modo simples e direto para as crianças leitoras. O texto pode despertar nesses leitores a curiosidade para saber quem é esse orixá, porém as atitudes e ações desse ser fantástico e genial já mostram que se trata de alguém destinado a fazer o bem. Afinal, Ossaê fez o que os médicos não conseguiram: curou a menina Ainá com ervas medicinais para alívio de sua mãe.

Elisabeth Badinter (1980, p. 13) afirma que “o amor materno não é inato. É exato”; e mais, a autora acredita “que ele é adquirido ao longo dos dias passados ao lado do filho”. No conto “Shirley Paixão” (p. 25-31), da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, a assertiva de Badinter se faz presente. Nesse conto, Conceição Evaristo nos apresenta a

³ Versão feminina de Ossãim feita por Geni Guimarães. De acordo com a *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana* (2004, p. 502), Ossãim é o “Orixá iorubano das folhas litúrgicas e medicinais. Segundo alguns relatos tradicionais, é divindade superior, tendo participado da Criação como formador e organizador do reino vegetal. É divindade muito importante, já que, sem plantas, e principalmente sem folhas, nenhum ritual pode se realizar.”, conclui o autor Nei Lopes em sua enciclopédia. Já no Brasil, essa entidade, também masculina, se chama Ossãe que, segundo o site <http://www.casadeomolu.hpg.ig.com.br/ossae.htm>, é “o princípio curador da selva brasileira”, “o Senhor das ervas, cujo poder é imenso e que realiza prodígios maravilhosos”.

protagonista Shirley Paixão, a qual tem duas filhas. Shirley vai morar com um homem, que é pai de três meninas. A primogênita dele, Soni, sofre abusos sexuais do pai. Ao presenciar um desses episódios tristes, Shirley Paixão agride seu homem com uma barra de ferro. Ele não morre, mas é preso. A heroína também cumpre pena de três anos de detenção e após 30 anos do ocorrido, ela vive bem com suas filhas e os netos. Soni, que ainda sofre as sequelas do passado, se forma médica pediatra.

Soni não é filha biológica de Shirley Paixão, porém esta a acolheu como se o fosse. Ao defender a mocinha das garras do pai, um maníaco sexual, a personagem-título mostra que o amor maternal pode ser algo despertado, conquistado pela convivência. Quando se uniu a este homem, as filhas dele passaram a ser dela. Infere-se, através do ato defensivo e protetor de Shirley Paixão, que esta não diferencia as filhas legítimas das agregadas. Evidência maior de seu amor materno incondicional é o fato de ela optar pela proteção de Soni e praticamente anular o seu lado mulher-amante enquanto ser carente de amor, principalmente do carnal, ao romper do seu marido.

Sebastiana e Shirley Paixão exemplificam a maternidade tradicional porque são mães que colocam em primeiro lugar o bem estar de seus filhos, sem reclamar dessa responsabilidade. Com estas personagens, as autoras Geni Guimarães e Conceição Evaristo, respectivamente, ratificam a máxima de que “ser mãe é padecer no paraíso”, independente de elas serem mulheres negras.

A maternidade transgressora

Com a evolução de nossa sociedade, obviamente ocorrem muitas mudanças de paradigmas em nosso *modus vivendi* e uma delas é o acúmulo de funções da mãe. Assim, a mulher que fora considerada a “rainha do lar”, agora tem que ser pai e mãe para se manter e os seus filhos, em alguns casos. Das incursões de Conceição Evaristo pelos *Cadernos negros*, os contos “Di Lixão” (CN⁴ 14, 1991, p. 9-12) e “Maria” (CN 14, 1991, p. 12-15) servem de parâmetro para analisarmos essa ocorrência na vida de algumas mulheres, principalmente negras, nesses tempos hodiernos.

Em “Di Lixão”, o ódio que o personagem-título tem da mãe, “uma puta safada” na concepção do filho, é por causa da presença constante de vários homens, clientes dela, no barraco onde viviam. O alívio de Di Lixão é saber que um deles assassinou sua mãe e, agradecido pelo feito, decidiu não revelar quem foi o assassino à polícia, mesmo sabendo que sua mãe se preocupava em encaminhá-lo para um futuro melhor que o dela.

⁴ CN = *Cadernos negros*.

No conto “Maria”, a protagonista negra é linchada e morta dentro de um ônibus porque um dos assaltantes foi seu marido e, junto com seu comparsa de assalto, não leva nada dela. Então, um dos passageiros acusa a “negra safada” de ser cúmplice dos bandidos. Os ânimos se exaltam e todos agridem Maria, que só esperava chegar a casa e distribuir a sobra da comida que ganhara da patroa: frutas e um osso de pernil, além do recado carinhoso do pai (um dos assaltantes ao ônibus) de seu primeiro filho, um menino de 11 anos.

A mãe de Di Lixão e Maria são brutalmente assassinadas quando lutavam pela própria sobrevivência e dos filhos. Segregadas nas funções historicamente destinadas à mulher negra – prostituição e doméstica -, elas morrem na miséria sem garantir um futuro melhor para os filhos. Carolyn Richardson Durham (2000, p. 16), ao analisar um conto do escritor Cuti (“Vida em dívida”) e o de Conceição Evaristo (“Maria”) identifica que os dois autores retratam a questão da violência racial na sociedade contemporânea em seus contos. No caso dos contos “Maria” e “Di Lixão” a personagem-título e a mãe de Di Lixão são colocadas como vítimas da violência perpetrada contra mulheres negras por causa da raça (negras) e da classe social (pobres) a que pertencem, parafraseando Durham.

Seguindo na contramão do destino da mãe tradicional, algumas das narrativas de Conceição Evaristo causam tensão ao mostrar certas mães transgressoras. O que foi convencional para o papel materno é a total abdicação de outras necessidades pessoais para cuidar de sua prole, pois

A figura da ‘mulher-mãe’ é construída, no plano prático, na própria educação das meninas, na valorização da suposta fragilidade feminina e no direcionamento das ‘pequenas’ mulheres à aceitação natural de um papel social mais altruísta e mais afeito à aceitação do espaço doméstico como espaço onde encontrará satisfação pessoal. (RAMALHO, 2011, p. 149)

Transgredindo esta função materna primeva, a complexidade sobre o maternar aumenta, pois “à medida que o sentido de maternidade se diversifica [...], à mãe tradicional vem juntar-se a mãe adotiva, a mãe lésbica [...], a mãe solteira [...], a mãe pobre, negra [...]”, conforme nos informa Cristina Maria Teixeira Stevens (2007, p. 18). Da obra de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*, já foi analisado aqui o conto “Shirley Paixão”, em que a personagem-título adota, não pelos meios legais, as três filhas do

homem com quem viveu maritalmente. Nesta mesma obra encontramos a relação de mães citadas por Stevens.

A obra mais recente de Conceição Evaristo é *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Este livro é composto por 13 contos, que são protagonizados por mulheres negras de diferentes sortes. Seu título é instigante e funciona como um introito do que o leitor pode esperar nas páginas que se seguem do livro. Há nos contos as lágrimas, que podem ser de dor, desespero, tristeza ou alegria, mas há a insubmissão dessas mulheres. Entendo esta como uma reação aos mecanismos utilizados pela sociedade racista, machista e ainda de ranço patriarcal que teima em subjugar a mulher negra como ser inferior e, também, desejosa de mantê-la no limbo do esquecimento. Em *Insubmissas lágrimas de mulheres* esta sociedade é representada, em parte, pela figura masculina do pai, cuja maioria não é nomeada e referida como “o homem de...”, “o pai de meu filho”, por exemplo. A figura paternal é responsável nos contos pelos sofrimentos e perdas que as protagonistas enfrentam ao longo da vida ao lado dos filhos, pois estas são abandonadas, de certa forma, por eles, como nos contos “Aramides Florença (p. 11-18), “Natalina Soledad” (p. 19-24), “Isaltina Campo Belo” (p. 48-58), “Mirtes Aparecida Daluz” (p. 69-73) e “Saura Amarantino” (p. 99-105). Quer seja pelo abandono, quer seja por opção própria, a maternidade transgressora é o foco dos referidos contos, como se verifica a seguir.

Em “Aramides Florença”, esta sonha com a maternidade desde mocinha, encontra o homem dos seus sonhos; juntam-se e a tão desejada gravidez acontece para o feliz casal. Entretanto, quando a personagem-título está no último mês de gestação, seu marido se revela um verdadeiro monstro, movido pelo ciúme da esposa com o bebê no ventre dela. O pai, inexplicavelmente, começa a ver o bebê como rival e se mostra hostil com a esposa em quatro situações chocantes de violência: 1ª) deixa uma lâmina na cama que corta o ventre da esposa; 2ª) queima a barriga dela com cigarro; 3ª) joga o bebê no bercinho sem nenhum cuidado e 4ª) o marido de Aramides a espanca, estupra e desaparece.

Em “Natalina Soledad”, a personagem-título é rejeitada pelos pais biológicos, pois era tradição na família o nascimento de meninos e, depois de seis filhos, nasce Natalina Soledad, para o desespero do seu pai. Este odiou a criança e culpou a mãe, acusada de adultério. Todo desprezo pela menina foi refletido, também, em seu nome de registro: Troçoleia Malvina Silveira. O sentimento de desprezo é recíproco e aos 30 anos, a protagonista muda seu nome para Natalina Soledad, simbolizando o rompimento com a família da qual nunca pertenceu.

O conto “Isaltina Campo Belo” narra a história da personagem-título, uma mulher lesbiana que foi estuprada pelo único namorado que teve e também, naquele fatídico momento, por cinco rapazes desconhecidos dela. Dessa violência nasce uma menina e, na primeira professora de sua filha, encontrou seu verdadeiro amor e vivem felizes as três.

No conto “Mirtes Aparecida Daluz”, esta é cega desde quando nasceu. Daluz, como gostava de ser chamada, casou-se com um homem fraco emocionalmente que, ao saber da gravidez da esposa, teme, aparentemente, que a criança nasça cega e, simultaneamente ao nascimento da filha [Gaia], comete suicídio através de asfixiamento por gás de cozinha.

Finalmente, o conto “Saura Amarantino”⁵ provoca estranhamento, pois a personagem-título, depois de dois filhos amados (Idália, fruto de um doce namoro aos 16 anos e Maurício, de seu casamento feliz), engravida-se, inconsequentemente, daquele que fora ex-namorado nos tempos escolares. O fato ocorreu depois que enviuvou do pai de Maurício. Inconformada por trair a doce lembrança do falecido, Saura Amarantino rejeita a menina desde sua gestão, a qual aumenta principalmente depois que ela nasce, porque é da pele branca, diferente da dela e dos filhos queridos (subentendido no texto).

Entre “Aramides Florença” e “Mirtes Aparecida Daluz” há um liame no que diz respeito ao abandono dos filhos pelos pais. No caso do esposo de Aramides, o ciúme que ele sente da mãe com o filho é difícil de suportar e não conseguindo lidar com a divisão da esposa com o novo membro da família ele desaparece da vida deles. Entretanto, suas atitudes farão com que Aramides nunca se esqueça de quem é a culpa de tudo isso. Tão perturbado psicologicamente quanto o marido de Aramides, o conto “Mirtes Aparecida Daluz” apresenta outra figura paterna que abandona a esposa assim que a filha vem ao mundo. Por medo de ter que conviver com duas pessoas cegas (esposa e bebê) ele opta pelo suicídio. Nesses dois casos patológicos, as mães terão que cuidar dos filhos, aparentemente, sem o apoio dos pais biológicos. Porém, devido ao comportamento doentio de ambos, será melhor para os bebês crescerem longe deles.

Os contos “Natalina Soledad” e “Saura Amarantino” abordam o tema da maternidade rejeitada. No primeiro, a filha é rejeitada tanto pelo pai quanto pela mãe por causa de um motivo fútil: a linhagem masculina dos filhos. A rejeição maior parte do pai. Sua mãe, numa atitude de passividade e alienação, acaba por tomar partido do pai de Natalina, o qual a acusou de traição, talvez para salvar seu casamento. O desprezo pela filha pode ter origem no sofrimento e humilhação que sofrera após o nascimento dessa

⁵ No sumário de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, o título desse conto é “Saura Benevides Amarantino”.

infeliz criança. Em “Saura Amarantino” a rejeição parte deliberadamente da mãe. A meu ver, outro caso patológico porque Saura vive presa à lembrança do esposo falecido, que a fizera muito feliz. Apesar de ele estar morto, o fato de ter se envolvido com um homem branco significou duas traições para Saura: a memória do falecido e a sua raça negra. Mãe de dois filhos amados e frutos de relacionamentos inter-raciais, a terceira filha, uma menina de pele branca, só lhe trouxe sofrimentos e decepções. Indesejada desde a gestação, depois que nasce a menina é criada pela família paterna e totalmente esquecida pela mãe, que não a considera sua filha. A mãe de Natalina e a Saura Amarantino chamam para si o direito de não maternar e essa atitude não condiz com o que o imaginário de base patriarcal determinou como desejo das mulheres, pois só sendo mãe e vivenciando cada momento sua função maternal é que a mulher poderá se considerar um ser completo.

O conto “Isaltina Campo Belo” traz ao leitor um tema caro aos estudos feministas e de gênero da atualidade: uma personagem homossexual. Isaltina, antes de assumir sua orientação sexual, se envolvera com um rapaz que colaborou para que mais cinco homens a estupassem. Sua filha tinha tudo para ser rejeitada por ser fruto desse ato tão violento, mas tornou-se a pessoa mais amada pela mãe. O fato de ela não saber exatamente quem é o pai da menina, talvez contasse como algo positivo. Depois do nascimento da filha, Isaltina sufoca sua homossexualidade e somente depois de ter 35 anos é que se permite amar e ser amada por outra mulher. Percebe-se que o fato de ela ser lesbiana, não interferiu em nada na criação de sua filha, apresentada no texto como uma criança normal e feliz.

Todo ato transgressor causa desconforto e incomoda àqueles que estão acostumados a enxergar o mundo com todas as coisas em seu devido lugar. Ao burlar as normas do ser politicamente correto a mulher que opta por não maternar ou que o faz de forma diferente da grande maioria acaba por ser demonizada. Dessa forma, o “grande mal-entendido em que assenta esse sistema de interpretação está em que se admite que é natural para o ser humano feminino fazer de si uma mulher feminina”, pois “a ‘verdadeira mulher’ é um produto artificial que a civilização fabrica”, nas palavras de Simone de Beauvoir (1975, p. 148), e não fazer parte desse jogo pode custar caro para a mulher.

Conclusão

A ideia de que a mulher só poderia se sentir completa se se tornasse mãe já se tornou mito, uma vez que a “função materna já não é tão confortável, já não está cercada

pelo signo da tranquilidade doméstica” (RAMALHO, 2011, p. 166). A mulher contemporânea leva uma vida muito agitada e conciliar vida profissional com a pessoal, que inclui os afazeres domésticos, mesmo quando se tem uma secretária do lar, não é nada fácil. Maternar se tornou um empecilho para muitas mulheres que priorizam a carreira trabalhista. Porém, “as pesquisas demonstram que mães ativas ou não ativas na profissão despendem aproximadamente o mesmo tempo ocupando-se com o seu filho” (EHRHARDT, 1994, p. 182). Assim, decidindo ser mãe ou não, a dupla jornada (lar – trabalho) vai perseguir a mulher independente ou casada que precisa ajudar nas despesas de casa ou assumir todas elas, como muitas dos contos analisados.

Ao dividir a análise da maternidade em duas seções, objetivei mostrar, a partir dos contos de Conceição Evaristo e Geni Guimarães, a evolução pela qual a mulher-mãe e negra tem passado. Da maternidade tradicional à maternidade transgressora percebe-se que houve mudança na função da maternidade e na forma de maternar, mas o que fica é o amor incondicional da mãe, não a eximindo de rejeitar, também, seu filho. Este fato último não era abordado com frequência em narrativas brasileiras, nem mesmo quando o foco é a mãe branca.

A maternidade é um tema complexo que envolve questões sociais e psicológicas tanto quando se refere à mulher negra quanto à branca. Este artigo não pretendeu esgotar essa temática e sim, abrir discussões a cerca da mesma, pois sempre haverá lacunas, frestas que nos levarão a novas problematizações quando a mulher-mãe for o cerne do estudo.

Bibliografia

- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. v. 2. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: DIFEL, 1975.
- CORDEIRO, Mariana Sbaraini. Geografia da maternidade. In: **Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura/V Seminário Internacional Mulher e Literatura**, 2012.
- DURHAM, Carolyn Richardson. Narrative strategies and racial violence in two afro-Brazilian short stories. In: **Palara: publication of the Afro-Latin/Amarecan** n. 4. USA: Fall, 2000. p. 16-22.
- EHRHARDT, Ute. **Meninas boazinhas vão para o céu, as más vão à luta**. Trad. de Victor Schmid e Theodora Breitkopf Fay. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 1994.

EVARISTO, Conceição. Di Lixão. Maria. In: **CADERNOS NEGROS 14**: contos. São Paulo: Quilombhoje, 1991. p. 9-15.

_____. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

_____. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011. (Coleção Vozes da Diáspora Negra – Volume 7).

GUIMARÃES, Geni. Jandira Morena. Histórias da Vó Rosária. In: **CADERNOS NEGROS 4**: contos. São Paulo: Ed. dos Autores, 1981, p. 36-39.

_____. **A dona das folhas**; ilustrações de Lúcia Hiratuka. São Paulo: Editora Santuário, 1993.

_____. **Leite do peito**: conto; ilustrações de Regina Miranda. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

RAMALHO, Christina. Presciliana Duarte e Sônia Queiroz: em nome do pai, da mãe e do/a filho/a. In: CUNHA, Helena Parente (coord.). **Violência simbólica e estratégias de dominação**. Rio de Janeiro: Editora da Palavra e Programa de Pós-Graduação em Ciências da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011. p. 143-170.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira. Maternidade e feminismo; diálogos na literatura contemporânea. In: STEVENS, Cristina (org.). **Maternidade e feminismo**: diálogos interdisciplinares. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007. p. 17-79.